TRABALHO COMPLETO
FULL PAPER
XXVII SEPE
Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão
Teaching, Research and Extension Symposium
24 A 26 DE OUTUBRO 2023
OCTOBER 24th to 26th, 2023
ISSN: 2316-9745
CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
SCIENCE AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT
UFN
Universidade Franciscana
Franciscan University
https://doi.org/10.48195/sepe2023.27462

PERSPECTIVAS DE MULHERES SOBRE SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO: UM ESTUDO DE REVISÃO

Giulia Dos Santos Goulart[1]; Camila Sutili Capelesso[2]; Ruhan Pieniz Brandão[3]; Kaoana Silva Ferreira[4]; Sibeli Castelani dos Santos[5]; Eveline do Amaral Antonello[6]; Luana Antunes Sigaran[7] e Marculina da Silva[8]

RESUMO

Este objetivou identificar, caracterizar e descrever as perspectivas de mulheres trabalhadoras acerca das condições do trabalho feminino no contexto brasileiro. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Base de dados de Enfermagem e Index Psi Periódicos Técnico-Científicos utilizando como descritores “trabalho AND gênero”. Os resultados culminaram na concepção de três categorias que verificaram a precarização do trabalho, as relações entre poder e violência e a divisão sexual do trabalho como características principais das condições do trabalho feminino. Conclui-se que as inequidades de gênero permanecem exacerbantes no contexto laboral, o que corrobora para o desenvolvimento de dupla/tripla jornada de trabalho, prejudicando a saúde física e mental de trabalhadoras.

Palavras-chave: Mulheres Trabalhadoras; Precarização do Trabalho; Perspectiva de Gênero; Violência no Trabalho; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

This study aimed to identify, characterize and describe the womens’ perspectives about their work conditions in the Brazilian context. It's a narrative literature review with search in the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences, Nursing Database and Index Psi Technical-Scientific Periodicals databases and descriptors "work AND gender". The results culminated in the conception of three categories that verified the precarization of work, the relation between power and violence and the sexual division of work as main characteristics of feminine work. It is concluded that the inequities of gender remain exacerbated in the labor context, which corroborates to the development of the double/triple work shift, harming the physical and mental health of female workers.

Keywords: Women, Working; Employment; Gender Perspective; Workplace Violence; Occupational Health.

Eixo Temático: Direitos, Políticas Públicas e Diversidade (DPD)

[1] Autora/Apresentadora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). giuliagoulart@outlook.com.
[2] Co-autora – Curso de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
[3] Co-autor – Curso de Psicologia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).
[4] Co-autora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[5] Co-autora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[6] Co-autora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[7] Co-autora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[8] Orientadora – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

1. INTRODUÇÃO

O trabalho caracteriza-se como uma atividade intrínseca ao ser humano, pois é por meio dele que se constrói a sociedade real (Lukács, 1981). Ainda, diferencia o ser humano de outros animais, já que é um ser que cria, a partir do trabalho, elementos dos quais pode usufruir e compartilhar. Isso permite que ele se torne um ser social, construindo relações por meio do trabalho (Oliveira, R. 2010).

Para Antunes (2009), a noção de trabalho é ampliada, à medida em que também amplia-se o entendimento acerca de quem compõe a heterogênea classe trabalhadora. Nesse sentido, trabalhador é tanto aquele cuja forma de trabalho se constitui como valorização direta do capital, como aquele que tem sua forma de trabalho utilizada como serviço.

No que se refere às questões de gênero, Federici (2021) afirma que o trabalho feminino nem sempre foi considerado, visto que a maior participação das mulheres no mercado assalariado não foi acompanhada da diminuição das outras formas de trabalho impostas às mulheres, como o cuidado da casa e dos filhos, permitindo uma organização social que acoberta a exploração e a sobrecarga de mulheres trabalhadoras por meio da dupla jornada de trabalho (Federici, 2021).

Assim, as condições de trabalho das mulheres no contexto laboral brasileiro sujeitam-se às organizações impostas socialmente e à divisão sexual do trabalho, o que demarca condições de trabalho desiguais, favorecendo o aumento da inequidade de gênero, tanto no trabalho como no espaço social (Rocha, 2020).

Destarte, se faz de extrema importância considerar atividades que reproduzem a vida e a força do trabalho, realizada majoritariamente por mulheres, já que estas abrangem tanto a parcela de atividades domésticas não assalariadas, realizadas dentro de casa e no cuidado com os filhos, como as atividades assalariadas, exercidas na esfera pública da sociedade (Federici, 2021; Biroli, 2018).

Portanto, considerando o exposto, esse estudo tem como objetivo identificar, caracterizar e descrever as perspectivas de mulheres trabalhadoras acerca das condições do trabalho feminino no contexto brasileiro. Assim, obtem-se como pergunta de revisão: *Quais são as perspectivas de mulheres sobre suas condições de trabalho dispostas na literatura brasileira?*

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, delineamento que permite abordar temáticas amplamente, além de possibilitar a descrição e interpretação da temática definida. Somado a isso, a revisão narrativa atualiza temáticas relevantes ao identificar, sintetizar e analisar produções emergentes, a partir da busca realizada (Galvão e Ricarte, 2020). Assim, ao elaborar a pergunta de revisão, utilizou-se a estratégia PICo (População: Mulheres Trabalhadoras, Interesse: Perspectiva feminina sobre as condições de trabalho e Contexto: Mundo do trabalho Brasileiro).

Foram utilizados como critérios de seleção estudos primários que responderam a pergunta de revisão, publicados em Português ou Inglês, de 2010 a 2023. Justifica-se o recorte temporal em detrimento da publicação do Relatório de Negociação coletiva de garantias à equidade gênero e raça no período de 1993 a 2009, no ano de 2010, pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Estudos repetidos foram incluídos uma única vez.

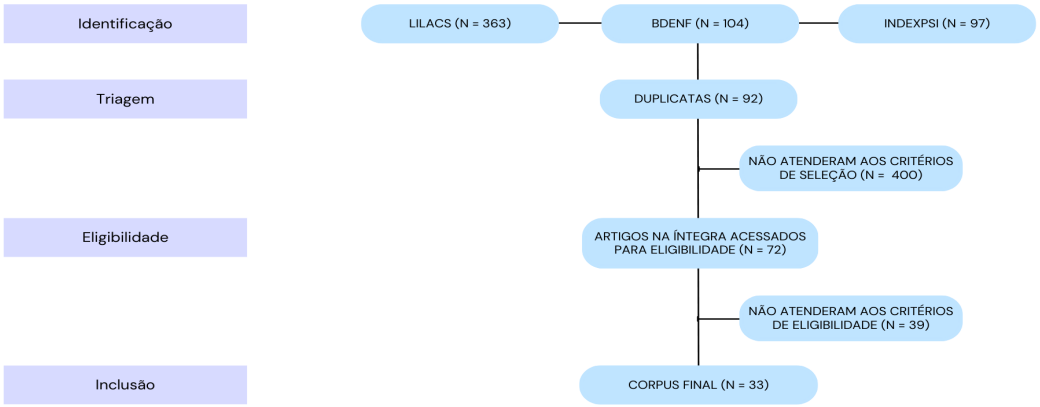
A busca foi realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de dados de Enfermagem (BDENF) e Index Psi Periódicos (INDEXPSI), no mês de agosto de 2023. Com a utilização de operador booleano combinado com as seguintes palavras: (Trabalho) AND (Gênero), de acordo com os Descritores de Ciências da Saúde (DeCs).

A seleção inicial dos estudos foi realizada mediante a leitura dos títulos e resumos. Seguido da análise integral dos estudos restantes com aplicação de critérios de elegibilidade, formando o corpus final de estudos elegíveis. Ainda, para organizar as referências e excluir duplicatas foi utilizado o software Rayyan. Também, dois revisores examinaram independentemente todos os títulos e resumos recuperados pela estratégia de busca. Em caso de discordâncias, foi consultado um terceiro revisor independente.

Para analisar os dados foi utilizada a teoria de Análise de Conteúdo Temática proposta por Minayo (2014), que se dá em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos dados.

Para apresentar os dados obtidos pela pesquisa foi utilizado um fluxograma, conforme segue (Figura 1):

Figura 1. Fluxograma da seleção dos dados



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta revisão concentrou-se na perspectiva feminina acerca das condições de trabalho. O *corpus* final do estudo foi constituído por 564 artigos que contemplaram os descritores, dos quais 33 foram incluídos por atenderem aos critérios de seleção. Entre eles, 17 são de natureza quantitativa, 15 qualitativa e 1 quali-quantitativo. Em relação às atividades laborais investigadas, destacam-se profissionais do trabalho doméstico e da saúde. Após a caracterização e análise dos dados, pôde-se fazer a classificação dos dados em 3 categorias centrais, conforme descrito a seguir:

3.1 TRABALHO DOMÉSTICO: RETRATOS DO HISTÓRICO LABORAL FEMININO

Alguns estudos realizados com 23 mulheres, que trabalham como empregadas domésticas, relatam que as profissionais possuem jornada de trabalho elevada, sem intervalo e carteira assinada (Antoniassi Junior *et al.*, 2023; Ferreira *et al.* 2020). Somado a isso, Mourão *et al.* (2022), Oliveira, K., Bandassolli e Torres (2018) indicam que trabalhadoras domésticas ingressam na profissão ainda crianças, majoritariamente em detrimento da condição de pobreza.

Estudos apontam que, apesar de as mulheres se orgulharem de trabalhar como domésticas, elas possuem jornada de trabalho excessiva, trabalho exaustivo e baixa remuneração. Muitas vezes, as profissionais não recebem salário e trocam o

trabalho por moradia/alimentação, em situação análoga à escravidão (Antoniassi Junior *et al.*, 2023; Coelho *et al.*, 2016a; Mourão *et al.* 2022; Ferreira *et al.* 2020).

A visão social de trabalhadoras domésticas como profissionais inferiores, em detrimento da classe, compromete a subjetividade dessas trabalhadoras. Isto ocasiona a desconstrução da identidade social e a negação de si (Mourão *et al.* 2022; Oliveira, K., Bandassolli e Torres, 2018). Ademais, reforçando a complexidade do trabalho doméstico, este gera uma confusão entre o que é relação de trabalho, de afetividade ou de família. Pois frequentemente as trabalhadoras passam muito tempo no serviço, ou até mesmo moram com os patrões (Mourão *et al.* 2022).

Esta ambiguidade embaça a percepção do que realmente é considerado atividade laboral remunerada no contexto do emprego doméstico (Hamann; Barcinski e Pizzinato, 2018; Oliveira, J. e Nina, 2014; Augusto *et al.*, 2013; Coutinho *et al.*, 2018). No espaço doméstico não remunerado, conforme pesquisa realizada por Sá e Wanderbroocke (2016), o trabalho associa-se a uma atividade improdutiva, monótona, de dependência e limitante. Já o trabalho remunerado e realizado fora de casa, configura-se como um espaço de socialização (Coutinho *et al.*, 2018).

Esta visão também é representada pelos estudos de D'Ávila Neto et al. (2015) e Borges e Detoni (2017), os quais analisam que o trabalho realizado por mulheres costuma estar socialmente amparado em construções do que é naturalizado historicamente como trabalho feminino. Estes, são não remunerados, pouco reconhecidos e não percebidos socialmente como trabalho (De Almeida, 2012).

Por fim, a pesquisa realizada por Santos e Diniz (2011) revela que a realidade socioeconômica das mulheres possui relação com o significado e o valor atribuído às suas funções domésticas e às diferentes formas de trabalho feminino em razão da desvalorização social do trabalho dentro de suas próprias casas. Isso ocorre pois o poder aquisitivo e financeiro sempre foi e continua sendo essencialmente masculino e burguês.

3.2 VIOLÊNCIA E PODER: INTERFACES DE GÊNERO

De acordo com Foucault (2005), a violência desempenha funcionalidade no âmbito ideológico, já que é articulada como mecanismo de controle social, ou seja,

poder. Neste contexto, Mélou *et al.* (2021) verificaram que as condições de trabalho das operadoras de caixa são desgastantes e geram dificuldades laborais.

Ainda, as trabalhadoras sofrem com a sobrecarga de tarefas, o que diminui a produtividade e resulta, muitas vezes, em sofrimento resultante de constrangimento e violência verbal. Portanto, ao analisar o trabalho sob a ótica da relação capitalista-patriarcal, parte desta violência atua na repressão de ideias contrárias aos interesses hegemônicos e se manifesta pela desigualdade socioeconômica, opressão e destituição dos direitos de minorias (Martins e Lacerda Júnior, 2014).

Assim, Coelho *et al.* (2018b) ao entrevistar mulheres catadoras, verificou que elas possuem um contexto de vida marcado por dificuldades, sofrimentos e limitações. Essas dificuldades resultam da precariedade do trabalho desempenhado, que acontece desde a infância, permeado pelas questões de raça e classe. No estudo de Mélou *et al.* (2021) verifica-se a percepção das trabalhadoras acerca da divisão sexual do trabalho, a partir do discurso de que, enquanto os cargos de gestão e chefia são compostos por homens, “só tem mulher operando o caixa”.

Essa constatação corrobora com Coelho *et al.* (2018b), Mariano e Salvaro (2021), Garcia e Viecili (2018) que evidenciam a perpetuação da feminização do cuidado, apesar da inserção de mulheres em diferentes setores de trabalho. Os efeitos das relações de gênero e poder no ambiente de trabalho denotam, com frequência, aspectos da divisão sexual do trabalho e da feminização do mercado de trabalho, conceitos que revelam questões que envolvem a construção social da identidade no que se refere ao *ser feminino* e ao *ser masculino* com relação à atividade laboral (Biroli, 2018).

Os conceitos trazidos por Biroli (2018) estão em consonância com pesquisas que explicitam que trabalhar com homens foi fator de aumento no assédio moral e sexual, tanto vertical, como no mesmo nível hierárquico (Batista *et al.*, 2023; Mélou *et al.*, 2021; Coelho *et al.,* 2018b). Da mesma forma, os estudos reforçam a percepção de desrespeito acompanhado por atitudes de violência psicológica e moral, em detrimento do gênero (Batista *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2010).

Assim, as profissionais vivenciam o sexismo na interpretação social de atributos femininos como fatores limitantes para a qualidade do seu trabalho (Batista *et al.*, 2023; Mélou *et al.*, 2021; Coelho *et al.,* 2018b). Não obstante, verifica-se que

algumas mulheres demonstraram buscar se impor em situações de violência no trabalho, outras ficaram confusas e impotentes. Isso reflete o contexto de exploração/opressão(Batista *et al.*, 2023; Martins e Lacerda Júnior, 2014).

3.3 SAÚDE E AS EXPRESSÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

O excesso de trabalho e a dificuldade de planejamento de vida, relaciona-se à sobrecarga e a sensação de esgotamento profissional, sendo associado ao estresse ocupacional (Vilela e Lourenço, 2018; Oliveira, E., *et al.*, 2012; Bezerra, 2012). Mélou e colaboradores (2021), assim como Bitencourt e Andrade (2021), Mariano e Salvaro, (2021), Ferreira e colaboradores (2020) e Vilela e Lourenço (2018) constataram que mulheres vivenciam diariamente a precarização do trabalho e da própria saúde a partir da sobrecarga de atividades, problemas musculoesqueléticos e aumento da jornada de trabalho, o que acarreta no acréscimo do sofrimento moral, psíquico e subjetivo.

Ademais, a dupla ou tripla jornada de atividades realizada pelas mulheres, na esfera pública e privada, são acúmulos de atribuições que trazem consequências para a saúde das mulheres trabalhadoras (Alencar *et al.*, 2016; Ferreira *et al.* 2020; Mariano e Salvaro, 2021; Vilela e Lourenço, 2018). Portanto, os diferentes papéis atuais associados ao feminino e o excesso de trabalho e ausência de lazer são experienciados, levando à sobrecarga, comprometimento da saúde mental e qualidade de vida (Elias *et al.*, 2014; Salimena *et al.,* 2016; Oliveira, E. *et al.*, 2012; Mariano e Salvaro, 2021; Vilela e Lourenço, 2018; Garcia e Viecili, 2018).

Somado ao exposto, as profissionais relatam que a responsabilidade de sustentar a família as obriga a sujeitar-se a condições de trabalho precário (Antoniassi Junior *et al.*, 2023; Mélou *et al.*, 2021; Batista *et al.*, 2023; Ferreira *et al.* 2020; Santos *et al.*, 2010; Garcia e Viecili, 2018). Apesar disso, buscam utilizar recursos para enfrentar o sofrimento no trabalho, em busca da realização pessoal e social (Coelho *et al.*, 2016a; Antoniassi Junior *et al.*, 2023; Trebien *et al.*, 2021).

Mesmo com resiliência e esforço para obter qualificação, a inequidade salarial foi relatada em diversas situações nas quais homens desempenhavam funções iguais, mas recebiam em faixas salariais maiores, dificultando a valorização, o crescimento profissional e ocupação de chefia por mulheres (Batista *et al.*, 2023).

Portanto, mesmo com a crescente qualificação profissional das mulheres, as atividades domésticas são comumente conciliadas com o auxílio de outra força de trabalho feminina, como forma de rede de apoio. Esta estratégia mascara o fato de que o aumento de mulheres em profissões de nível superior eleva, também, a dependência do trabalho de mulheres em situação precária (Vieira e Amaral, 2013).

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que foi possível identificar que o trabalho femininо possui características interseccionais com a raça e a classe, além dos aspectos intrínsecos ao gênero. Também, ao descrever as perspectivas de mulheres trabalhadoras acerca das condições do trabalho feminino no contexto brasileiro, percebeu-se que as mesmas são capazes de produzir reflexões acerca dos processos de subjetivação no contexto do trabalho feminino no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de Demanda Social.

REFERÊNCIAS

ANTONIASSI JUNIOR, G.; et al. Mulheres trabalhadoras domésticas e a qualidade de vida no trabalho. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, *[S. l.]*, v. 12, p. e4844, 2023.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

AUGUSTO, V. G. et al. Capacidade para o trabalho e saúde: o que pensam as trabalhadoras da indústria de vestuário. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 20, p. 256–261, set. 2013.

BAPTISTA, E. C. C.; et al. As múltiplas violências vivenciadas por farmacêuticas no ambiente laboral. **Trabalho, Educação e Saúde**, *[S. l.]*, v. 21, p. 18, 2023.

BEZERRA, C. M. **Estresse ocupacional autoatribuído em mulheres policiais militares da cidade do Rio de Janeiro**. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, RJ, 2012.

BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BITENCOURT, S. M.; ANDRADE, C. B. Trabalhadoras da saúde face à pandemia: por uma análise sociológica do trabalho de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1013–1022, mar. 2021.

BORGES, T. M. B.; DETONI, P. P. Trajetórias de feminização no trabalho hospitalar. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 2, p. 143–157, dez. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p143-157

COELHO, A. P. F. et al. Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016a.

COELHO, A. P. F.; et al. Trabalho feminino e saúde na voz de catadoras de materiais recicláveis. **Texto & Contexto - Enfermagem,** v. 27, n. 1, p. e2630016, 2018b.

COUTINHO, M.C.; et al . Trabalhadoras domésticas: trajetórias, vivências e vida cotidiana. **Cad. psicol. soc. trab**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 87-101, 2018.

D'ÁVILA NETO, M. I.; JARDIM, G. DE S. A fonte que nunca seca: o trabalho cotidiano de mulheres com a água no Semiárido. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 1, p. 155–169, 2015.

DE ALMEIDA, L. S. Working mothers and their multivoiced self. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 21, n. 2, p. 315–324, 2012.

ELIAS, E. A.; SOUZA, I. E. DE O.; VIEIRA, L. B. Significados do cuidado-de-si-mesmas de mulheres profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento. **Escola Anna Nery**, v. 18, p. 415–420, set. 2014.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, C. N. L. et al. Percepções de trabalhadoras domésticas sobre direitos laborais e impactos nas condições de trabalho e saúde. **Texto & Contexto**, v. 29, p. e20180375, 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 3° ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. Logeion: Filosofia da Informação, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.

GARCIA, C. F.; VIECILI, J. Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 30 – n. 2, p. 271-280, 2018

HAMANN, C.; BARCINSKI, M.; PIZZINATO, A. A regulação do trabalhador doméstico remunerado: Implicações psicossociais para trabalhadoras no Brasil. **Barbarói**, n.1, v.51, p.248-268, 2018. Disponível em: doi.org/10.17058/barbaroi.v51i1.6331.

JUNIOR, G. A. et al. Mulheres trabalhadoras domésticas e a qualidade de vida no trabalho. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, *[S. l.]*, v. 12, p. e4844–e4844, 2023.

LUKÁCS, G. Per l'ontologia dell'essere sociale. Traduzione di Alberto Scarponi. v. II. Roma: Riuniti, 1981

MARIANO, P.; SALVARO, G. I. J. Narrativas de Adoecimento de Trabalhadoras da Indústria do Vestuário em Município de Santa Catarina, Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. e219501, 2021.

MARTINS, K. O.; LACERDA JR, F. A contribuição de Martín-Baró para o estudo da violência: uma apresentação. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 14, n. 31, p. 569-589, 2014.

MÉLOU, A.C.S.A.; et al. Uma análise da psicodinâmica do trabalho de operadora de caixa de supermercado. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 24, n. 2, p. 235-248, 2021.

MOURÃO, L.; et al. "Patrão é patrão, empregado é empregado": identidade profissional de domésticas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 25, p. e-186389, 2022.

OLIVEIRA, E. R. A. DE et al. Gênero e qualidade de vida percebida: estudo com professores da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 741–747, mar. 2012.

OLIVEIRA, J. A. DE; NINA, S. DE F. M. Ambiente e saúde da mulher trabalhadora: transformações numa comunidade da Amazônia brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 1162–1172, dez. 2014. Disponível em: doi.org/10.1590/S0104-12902014000400004.

OLIVEIRA, K. S. A; BANDASSOLLI, P .F.; TORRES, T. L. Apreensão das zonas de sentido da atividade de trabalho da diarista. **Revista de Psicologia**, v.9 n. 2, p. 127-136. 2018.

OLIVEIRA, R. A.. A concepção de trabalho na filosofia do jovem marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis**, v. 2, n. 03, p. 72–88, 25 abr. 2010.

ROCHA, A. **A evolução das perspectivas de gênero no mundo do trabalho**. Princípios, v. 39, n. 159, p. 151 - 179, 2020.

SÁ, R. A. DE; WANDERBROOCKE, A. C. N. DE S. Os significados do trabalho face ao envelhecimento para servidoras de uma instituição pública de ensino superior. **Boletim de Psicologia**, v. 66, n. 145, p. 145–158, jul. 2016.

SALIMENA, A. M. DE O. et al. Falatório e ocupação no cotidiano das profissionais de enfermagem no cuidado de si e do outro. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 1, p. 316–324, 31 mar. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.18471/rbe.v1i1.14393.

SANTOS, L. DA S.; DINIZ, G. R. S. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psicologia Clínica**, v. 23, p. 137–149, 2011.

SANTOS, M. M. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 15, p. 259–267, dez. 2010. Disponível em: doi.org/10.1590/S1413-294X2010000300005.

TREBIEN, V. M. et al. Mulheres na gestão do ensino superior: adoecimento e estratégias de enfrentamento das demandas do trabalho. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 4, 2021.

VILELA, N .G. S.; LOURENÇO, M. L. Conflito trabalho-família: um estudo de casos múltiplos com mulheres trabalhadoras. **Pensando fam.**, v. 22, n. 2, p. 52-69, 2018.